

reinterpretação do manifesto imaginarius

imaginar é continuar

Por Guilherme Henriques*

O Imaginarius não procura conforto.
Não procura consenso.
Não é elitista, nem populista.
É resistência.

Eu comecei a imaginar aqui,
E o Imaginarius nasceu com o propósito de nos transformar a todos.

São 25 anos de afirmação no espaço público como lugar de criação, de encontro, de confronto e de possibilidade. São 25 anos de aproximação da arte ao quotidiano, retirando-a dos lugares previsíveis da cultura e colocando-a onde ela também pertence: no meio das pessoas, no centro da cidade, no corpo vivo do território.

Estas ruas deixaram de ser apenas passagem. Tornaram-se palcos, perguntas e interrupções onde o inesperado acontece, onde memórias ficarão para sempre tatuadas na nossa alma.

Este festival construiu-se assim: não como ornamento da cidade, mas como força ativa dentro dela. Não apenas para apresentar programação artística, mas para questionar a forma como habitamos, usamos e imaginamos o território.

Porque o território não é neutro. Não é apenas pedra, praça, estrada ou fachada. É feito de decisões, de ausências, de escolhas, de oportunidades criadas e de oportunidades perdidas. É feito de quem fica, de quem parte, de quem regressa, de quem ocupa, de quem observa e de quem ainda procura o seu lugar.

O Imaginarius criou esta relação profunda entre criação artística e comunidade. Formou públicos. Abriu portas. Desafiou hábitos. Deu à cidade momentos que não se explicam apenas por espetáculos, cartazes ou datas. Explicam-se por aquilo que fica depois: uma imagem, uma pergunta, uma vontade, uma mudança na forma de olhar para o lugar onde vivemos.

Num tempo em que o espaço público é cada vez mais regulado, acelerado, vigiado e disputado, o Imaginarius insiste numa coisa rara: a possibilidade de parar, olhar, participar e imaginar em conjunto.

E imaginar, aqui, nunca foi fuga.

Porque uma cidade que dá espaço à criação está a dizer algo sobre si própria. Está a dizer que não quer ser apenas funcional. Que não quer ser apenas lugar de passagem, trabalho ou consumo. Está a dizer que aceita o risco da crítica, da experimentação e de todo o maldizer que sempre se repetirá. E que tipo de Festival e cidade seriam estes se não desafiam o sangue do “politicamente correto”?

Que tipo de apoio estamos a dar aos nossos artistas quando apenas lhes atiramos dinheiro à cara em vez de apostarmos na sua educação no mercado em que se inserem?
O artista que apenas procura apoio financeiro por parte do seu território e não procura entender toda a máquina à sua volta estará sempre predestinado ao seu próprio fado e às frustrações de quem olha para as estrelas do céu sem perceber como as alcançar.

E é aqui que eu, como tantos outros, entramos.

Eu sei o que significa começar a criar neste território. Sei o que significa crescer artisticamente num país onde a imaginação existe, onde há talento, onde há vontade, mas onde nem sempre existem as condições, as estruturas ou as oportunidades para transformar essa vontade num caminho sustentável.

Como muitos artistas, também senti que, para crescer, tive que sair e construir em outros lugares. Fazer da minha criação um nome a respeitar por todos esses cantos do mundo. Sacrificar tudo e por vezes, todos, para que talvez um dia, quando voltasse, pudesse ser uma voz que sabe para onde apontar o dedo e exigir mudança. Nós não vamos embora por falta de ligação a este lugar, mas porque às vezes o percurso artístico obriga-nos a procurar fora aquilo que ainda não conseguimos encontrar cá dentro.

E voltar agora, neste contexto, perante 25 anos de Imaginarius, é perceber com ainda mais clareza a importância deste festival.

Porque o Imaginarius não resolve tudo. Nenhum festival resolve tudo. Mas cria uma afirmação poderosa:

- A de que a criação artística tem lugar aqui.
- A de que imaginar também é construir condições para que mais pessoas possam ficar, criar, arriscar e crescer.

O verdadeiro impacto de um festival como este não está apenas nos dias em que acontece. Está no que desperta antes, no que provoca durante e no que deixa depois.

Está nas crianças que olham para a rua de outra forma. Nos jovens que percebem que a criação pode ser um caminho. Nos artistas que encontram espaço para experimentar, falhar e alcançar. Na cidade que, por instantes, se permite ser outra. E talvez, a partir daí, se torne outra também.

Celebrar 25 anos de Imaginarius não é apenas olhar para trás com orgulho. É olhar para a frente com exigência.

Este festival escolheu continuar a imaginar. Porque imaginar é um ato político. Criar é uma forma de resistência. E ativar o território através da criação artística é uma forma concreta de o transformar.

O Imaginarius tem 25 anos. E talvez a sua maior força seja esta: continuar a lembrar-nos que uma cidade só está verdadeiramente viva quando ainda é capaz de imaginar sem qualquer tipo de restrição.

Posto isto:

Continuar a imaginar é a nossa condição.

*Realizador feirense que faz parte da “Geração Imaginarius”; um dos nomes mais relevantes da videografia contemporânea ligada à música extrema e alternativa.